

Intersecções entre percursos profissionais e associações: entrevista com a Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE)

Intersections between professional pathways and associations: interview with Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE)

Idalena Oliveira Chaves  

idalena@ufv.br

Universidade Federal de Viçosa – UFV

Henrique Rodrigues Leroy  

henriqueleroy25@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Daniel dos Santos  

arquifonema@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Bruna Frazatto  

brunafrazatto@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Tatiana Gabas  

tatigabas@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo


Esta entrevista abre uma rodada de diálogos com associações de professores de português como língua estrangeira/adicional com o propósito de refletir sobre o campo de pesquisa, a formação e a atuação de professores na área. Para a primeira conversa, entrevistamos dois presidentes da Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE), Profa. Dra. Idalena Oliveira Chaves (Universidade Federal de Viçosa) e Prof. Dr. Henrique Leroy (Universidade Federal de Minas Gerais), à frente da associação nos mandatos de 2017-2021 e 2021-atual, respectivamente. Após contato inicial, foram propostas oito perguntas respondidas por e-mail por ambos os professores que, somadas a comentários adicionais dos entrevistadores, visaram apresentar e discutir a perspectiva da associação quanto à formação de professores de Português como Língua Estrangeira/Adicional/Se-

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 07/01/2023

Aprovação do trabalho: 02/03/2023

Publicação do trabalho: 07/04/2023

 10.46230/2674-8266-15-9997

COMO CITAR

CHAVES, Idalena Oliveira; LEROY, Henrique Rodrigues. Intersecções entre percursos profissionais e associações: entrevista com a Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE). [Entrevista cedida a] Daniel dos Santos, Bruna Frazatto & Tatiana Gabas. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.1, 2023. p. 306-321. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9997>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

gunda (PLE/PLA/PL2) e a atuação desses profissionais no mercado de trabalho. Dessa forma, pretendemos elucidar debates, atitudes e posicionamentos que associações de professores na área podem encaminhar à sociedade, de forma mais ampla, com o intuito de aproximar profissionais atuantes no mercado de trabalho (nos mais distintos vínculos) de ações que procurem construir institucionalidades para a atuação de professores de PLE/PLA/PL2.

Palavras-chave

Português como língua adicional. Associação de professores. Formação de professores. Trabalho docente.

Abstract

This interview initiates a round of debates with associations of professors and teachers of Portuguese as foreign/additional language which aims to discuss the research field, education and the work of professionals involved in the area. To begin with, we interviewed two presidents of Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE), Dra. Idalena Oliveira Chaves (UFMG) and Dr. Henrique Leroy (UFMG), respectively in charge of the association in 2017-2021 and 2021 to date. In order to present and discuss the perspective of the association regarding teacher education in the area of Portuguese as a foreign/additional/second language and the employment of teachers in the labor market, eight questions were suggested to the interviewees after initial contact. Then, a few additional comments were added by the interviewers. In such manner, we highlight dialogues, attitudes and stances that associations in this area may push to the forefront in order to bring those in the labor market (with different bonds to the profession) closer to actions that bolster the institutionalization of the work of the Portuguese as foreign/additional/second language teacher.

Keywords

Portuguese as Additional Language. Associations of Teachers. Teacher education. Teacher's professional activities.

Introdução

A formação docente em Letras, no Brasil, ainda é bastante restrita aos currículos de língua materna e ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Para a área de português língua estrangeira/adicional/segunda (PLE/PLA/PL2)¹, por sua vez, quatro universidades públicas preenchem essa lacuna ofertando cursos de graduação ou habilitações atreladas ao currículo de Letras, o que garante um “diploma” e, em tese, um posterior percurso profissional. Por outro lado, a oferta de postos de trabalho não acompanhou, ao longo dos anos, tal expansão dos espaços formativos que se iniciou nos anos 80 – no sentido de que há mais formados do que vagas em trabalhos formais ou permanentes.

Daniel, um dos entrevistadores, teve uma experiência a longo prazo com a área de PLE/PLA/PL2 na graduação, tanto em disciplinas eletivas da grade curricular quanto ao participar, como professor em formação, em cursos de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em encontros de estudo² com

1 Ao longo da publicação, empregamos PLE/PLA/PL2 sem adentrar especificidades da terminologia, conforme adotado por Bizon e Rocha (2022).

2 O Grupo de estudos *Linguagem e Capitalismo* é composto pelos entrevistadores da presente publicação, além de Victor Schlude, todos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unicamp.

Tatiana e Bruna, as duas outras proponentes dessa entrevista, propôs debater a atuação profissional na área a partir do capitalismo e da precarização do trabalho. Nesse momento, decidimos destacar o papel de associações e possíveis sindicatos que pudessem tratar dessa demanda – a qual muitas vezes extravasa o cotidiano acadêmico –, e, ao mesmo tempo, lamentar a ausência de um movimento como esse no estado de São Paulo³, local em que atualmente residimos e atuamos profissionalmente.

Ainda que, no final da década de 1990, o cenário de aquecimento da área já começasse a se delinear, por exemplo, com a criação da primeira licenciatura em PLE na Universidade de Brasília (UnB) e com a primeira aplicação do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), é no ápice desse cenário, a partir dos anos 2000, que nossa formação inicial como licenciandos em cursos de Letras em três diferentes universidades está inserida.

Foi ao longo dos 13 anos da gestão do Partido dos Trabalhadores (2003-2016) que se notou uma grande institucionalização da área e aumento de pesquisas (FURTOSO, 2015), além de grande investimento em políticas linguísticas, como a expansão da política linguística exterior por meio dos Leitorados e Centros Culturais⁴ (DINIZ, 2020), na primeira década, e a criação de políticas linguísticas oficiais que visassem a internacionalização das universidades brasileiras por meio do ensino de PLA (ABREU-E-LIMA; FINARDI, 2019; MARQUES; SCHOFFEN, 2020), na segunda década.

Mesmo que nenhum de nós tenha tido formação em uma das quatro licenciaturas da área⁵, nosso processo formativo ocorreu/vem ocorrendo ao longo do período de graduação, mestrado e doutorado em projetos de extensão, cursos de formação, grupos de pesquisa⁶ e condução de pesquisas em linhas marca-

3 Não nos esquecemos da Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLÉ), criada em 1992. Entretanto as associações parecem atuar de forma localizada, lidando com demandas mais particulares de cada estado.

4 A rede de Leitorados é organizada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), contando com o aval de universidades estrangeiras na escolha dos leitores que atuarão em atividades no exterior. Já os Centros Culturais são resultado de ações do Itamaraty e estão vinculados às embaixadas dos 24 países em que estão presentes. Desde o final de 2022, os Centros Culturais passaram a ser chamados de Instituto Guimarães Rosa. Ambas as políticas têm como objetivo a difusão de português e cultura brasileira.

5 Ainda que haja programas de formação em PLE/PLA/PL2 em vários estados do Brasil, há apenas quatro licenciaturas institucionalizadas, nas seguintes universidades: Universidade de Brasília, Universidade Federal da Bahia, Universidade da Integração Latino-Americana e Universidade Estadual de Campinas.

6 Como é o caso do grupo Português como Língua Adicional em uma perspectiva *indisciplinar* (IndisciPLAr), do qual fazemos parte e cujas informações podem ser acessadas na página <https://www2.iel.unicamp.br/indisciplar/>.

das pela centralidade do ensino de português como língua estrangeira/adicional. Sabíamos, entretanto, que, apesar das especificidades, nossa experiência compartilhada como professores de português para pessoas migrantes, em variados contextos, se encontrava exatamente nas semelhantes condições de vínculo de trabalho – muitas delas frágeis e insuficientes. É esse o nosso ponto de partida na proposição desta entrevista: como desenhar ações que aproximem oportunidades e conquistas de inserção profissional para professores de PLE/PLA/PL2 recém-formados?

No debate a que nos propusemos, antes de constituir o roteiro de perguntas da presente conversa, procuramos identificar leituras e contextos em que o trabalho docente na área tivesse centralidade, e, nessa iniciativa, decidimos encaminhar a reflexão através de uma entrevista, seja porque teríamos dificuldade em acessar dados que pudessem responder aos nossos questionamentos, seja porque há poucas incursões sobre o trabalho docente, no sentido dos vínculos e (im)permanências, em textos acadêmicos, a não ser em relatos históricos de constituição da área.

Por entendermos que a condição precarizada do trabalho docente na área de PLE/PLA/PL2, vivenciada por parte dos profissionais, está baseada em uma constituição endêmica, acreditamos ser importante visibilizar ações, desafios e possíveis visões de futuro para construir novas realidades. Esta entrevista, portanto, abre uma rodada de diálogos com associações de professores de PLE/PLA/PL2 com o propósito de refletir sobre o campo de pesquisa, a formação e a atuação de professores na área. É nesse sentido que buscamos o diálogo com uma das associações de professores atuantes no Brasil, a Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (AMPPLIE), fundada ainda no momento de diversas políticas de expansão da área, mencionado acima. Nessa entrevista, portanto, procuramos criar este espaço em meio à comunidade acadêmica, visibilizando o papel de associações de professores como protagonistas nesse processo de constituir discussões sobre postos de trabalhos, vínculos trabalhistas e no desenho de lutas para essa categoria profissional.

Por fim, gostaríamos de explicitar algumas das decisões de construção do texto da entrevista. Nossa tentativa foi a de construir um texto dialogado, em que oferecêssemos contexto ao leitor, ao mesmo tempo em que direcionássemos a conversa para questões relacionadas ao trabalho docente. Por isso, além das perguntas, apontadas em negrito, indicamos linhas de conexão entre respostas e questões em sequência, de modo que a linha de raciocínio fique evidente.

Abaixo, segue a entrevista realizada no ano de 2021 com dois presidentes da AMPPLIE, Profa. Dra. Idalena Oliveira Chaves (UFV) e Prof. Dr. Henrique Leroy (UFMG), à frente da associação nos mandatos de 2017-2021 e 2021-atual, respectivamente.

Entrevistadores - Para início de conversa, falemos dos objetivos da associação. O site⁷ indica que, desde 2014, a AMPPLIE “reúne professores que atuam no ensino de PLE, professores em formação e investigadores que realizam pesquisa na área”, e, nesse sentido, “congrega profissionais comprometidos com a internacionalização da Língua Portuguesa e a divulgação da diversidade cultural brasileira”. Quem são esses professores que participam da associação ou são o foco de uma futura integração?

Entrevistados – A AMPPLIE foi fundada por um grupo de professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) em 2014 e a ideia era que a associação pudesse apoiar os professores que atuam no estado de Minas Gerais. Nós temos 11 universidades federais⁸, 5 institutos federais⁹ e 2 universidades estaduais¹⁰, além das grandes universidades privadas, como a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), que estão espalhadas em várias cidades do estado. Dentro dessas instituições há sempre cursos para estudantes estrangeiros que vêm para intercâmbio. Em geral, os profissionais que atuam nessas instituições nem sempre têm uma formação adequada, uma vez que a formação do professor de português como língua adicional é muito recente ainda no Brasil. Então, a nossa associação, a exemplo da Associação dos Professores de Português Língua Estrangeira do Estado do Rio de Janeiro (APLE-RJ), também quis fomentar ações

7 Disponível em: <http://ampplie.com.br/quem-somos>. Acesso em: 19 jul. 2022.

8 Minas Gerais é o estado com maior número de universidades federais no país, são elas: Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade Federal de Lavras (UFLA), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri (UFVJM), Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL) e Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), além do CEFET-MG que está em processo de transição para se tornar a Universidade Tecnológica de Minas Gerais.

9 Distribuídos em 25 campi.

10 A Universidade Estadual de Minas Gerais e a Universidade Estadual de Montes Claros.

para promover a formação de professores e, assim, congregar mais professores, fazendo com que a área crescesse profissionalmente. Seguindo a pergunta, os nossos associados são, portanto, professores que atuam no ensino de português como língua estrangeira ou estudantes que começam a ter conhecimento da área, ou ainda estudantes de pós-graduação que estão desenvolvendo pesquisa na área de português como língua estrangeira.

Entrevistadores – Como vocês mencionaram, a associação inicia suas atividades em 2014, um momento marcado por grande efervescência do português, não só via política linguística exterior (DINIZ, 2020) e aumento de pesquisas em PLA (FURTOSO, 2015), mas também pelas políticas que ainda viriam a tomar forma nos anos seguintes, como o Idiomas sem Fronteiras (ABREU-E-LIMA; FINARDI, 2019; MARQUES; SCHOFFEN, 2020). A conjuntura hoje, entretanto, é bastante diferente. Por isso, talvez seja interessante abordarmos aqui o atual perfil profissional das(os) professoras(es) da área. Nesses sete anos de funcionamento da associação foi possível notar alguma mudança no perfil de associadas e associados atuais da AMPPLIE? Se sim, que diferenças são essas? Com base no histórico da associação, é possível dizer que esse perfil tende a se manter o mesmo nos próximos anos?

Entrevistados – Em relação à mudança de perfil, percebemos, desde a gestão da professora Idalena (2017-2021), a presença de um público mais jovem na associação, o que nos faz pensar que a AMPPLIE vem se tornando uma comunidade que atrai novos profissionais interessados na área de PLE. São pesquisadores e estudantes da área de Letras que estão procurando espaço de trabalho. Também percebemos a presença de professores que atuam com ensino de português fora do Brasil, professores de Minas Gerais, por exemplo, que estão na Argentina, no Chile, na Coreia do Sul, entre outros países. De acordo com o estatuto da AMPPLIE, os associados devem ser residentes no Estado de Minas Gerais ou ter filiação originária neste Estado. Então, podemos dizer que há sim uma mudança de perfil de associados: são, atualmente, mais jovens, com perfis de pesquisadores e/ou professores com formação específica na área do português como língua estrangeira/língua adicional.

Entrevistadores – É bastante interessante que vocês notem tal mudança, pois ela dialoga com nossa próxima pergunta no sentido de haver uma falta de

perspectiva desse público mais jovem quando se trata do campo de atuação. É importante lembrar que há mais de dez anos Almeida Filho (2009) já apontava a necessidade de que a área de PLE se construísse a partir de suas especificidades, o que daria espaço para uma estratégia mais sólida no que diz respeito à proposição de políticas explícitas de ensino de língua portuguesa. Nos termos do autor, era evidente uma “legião desassistida de professores já em serviço, desconfiada de que é preciso avançar profissionalmente” (ALMEIDA FILHO, 2009, p. 18). Nos dez anos seguintes, dois outros cursos de graduação na área iniciaram suas atividades no Brasil, a saber, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). No entanto, nem a oferta de postos de trabalho dentro ou fora das universidades, nem políticas explícitas de contratação de docentes caminharam no mesmo rumo. Por exemplo, o número de universidades com vagas específicas para a área de PLE gira em torno de 10 (CHAVES; HEITOR-SAMPAIO, 2021).

É nesse sentido que, aliado à abertura de novos cursos de graduação na área, podemos questionar sobre quais contextos o estudante recém-formado pode procurar por atuação profissional. Assim sendo, por quais postos de trabalho permanente o profissional da área pode buscar no Estado de Minas Gerais? E, além disso, em quais espaços, ainda que não haja institucionalização, a presença do profissional seria bem-vinda?

Entrevistados – Em Minas Gerais, temos várias instituições federais, tais como universidades e os institutos federais. Além disso, temos 9 postos aplicadores do exame Celpe-Bras no Estado.¹¹ Essa demanda do certificado de proficiência em língua portuguesa já é propícia para postos de trabalho, porque requer pessoas que sejam da área de português para aplicar a prova, para avaliar etc. Então, percebemos que o profissional da área tem possibilidades de atuação no Estado de Minas Gerais. Nesse contexto, o profissional da área é bem-vindo.

Entrevistadores – De fato, a manutenção de políticas linguísticas, como é o caso do Celpe-Bras, permite que profissionais da área de PLE possam atuar em suas edições, uma vez que não bastaria a formação em Letras, em um âmbito genérico. No entanto, cabe lembrar que o Celpe-Bras também pode

¹¹ Os postos aplicadores no Estado de Minas Gerais estão localizados nas seguintes universidades: CEFET-MG; UFJF; UFMG; UFSJ; UNIFEI; UFU; UFV e UFTM. (Fonte: INEP, atualizado em 30 jul. 2021.)

ser um bom exemplo da intermitência inerente à atuação profissional dos profissionais da área, que muitas vezes se mantêm vinculados a projetos de extensão, pesquisa, ou de formulações e execuções de políticas linguísticas que nem sempre são capazes de gerar empregos públicos – o que parece ser o ideal, do ponto de vista da estabilidade salarial, ainda que espaços como esse, que reconheçam a especificidade da formação, sejam, infelizmente, atuações temporárias, e que permanecem incapazes de absorver muitos profissionais, por longo prazo, vinculados a determinados projetos.

É importante salientar que as universidades têm centralidade no que diz respeito a postos de trabalho para a área, uma vez que já são nacionalmente reconhecidas por sua produção acadêmica e de pesquisa, mas também, porque é na extensão universitária que a atuação docente majoritariamente acontece (FURTOSO, 2009). No entanto, fora da universidade, não podemos dizer que o cenário é o mesmo. Em escolas privadas de idiomas, o português não tem representatividade, e boa parte daquilo que é ofertado como cursos de línguas para a área de PLE/PLA/PL2 diz respeito a ações individuais e coletivas autogeridas, ou, ainda, capitaneadas por instituições religiosas, as quais assumem um papel de assistência a migrantes que não participam, por exemplo, do cotidiano da “elite”.

Por outro lado, entendemos que cabe desconfiar, após anos relatando a ausência de formação daqueles que atuam na área, que talvez, atualmente, o cenário mais representativo tenha outras facetas. Assim, mesmo na ausência de postos de trabalho formais, muitos profissionais da área trabalham com aulas particulares, movimento que pode ser observado em comunidades alojadas em sites de redes sociais e em plataformas que organizam a oferta de serviço desses profissionais. Consideremos alguns dados de abril de 2021¹²:

12 Os dados não se alteraram substancialmente em 2022.

Tabela 1 – Profissionais que trabalham com aulas particulares em Minas Gerais, a partir de consulta nos sites Profes e Superprof

Cidades	Profes (raio de 50 km)	Superprof
Belo Horizonte	59	33
Betim	2	33
Contagem	7	33
Ouro Preto	0	0
Uberlândia	3	7
Governador Valadares	0	2
Juiz de Fora	3	6
Poços de Caldas	0	2
Montes Claros	1	1
São João del-Rei	0	6
Itajubá	1	6
Viçosa	0	4
Total	77¹³	133¹⁴ / 67

Fonte: elaborado pelos entrevistadores.

Cabe lembrar que a pesquisa acima incluiu apenas cidades centrais, uma vez que os aplicativos não permitem a busca por Estado (somente por município). O que, na visão da associação, explica a quantidade de docentes em atuação? É possível dizer, em alguma medida, que os profissionais acima participaram de algum percurso formativo na área? Existem delineamentos a partir da associação para aproximar profissionais que não tenham formação na área e que, mesmo assim, atuem no ensino de PLE¹⁵?

13 Os resultados de cada cidade, e, portanto, a somatória do individual, refletem os números de busca na categoria “presencial”, pois consideramos que viver no Estado de Minas Gerais seria crucial para a participação como associado na AMPPLIE. Por outro lado, é possível que o professor ofereça aulas online, o que torna o número muito maior (em torno de 2300 cadastros), mas perde-se a referência geográfica.

14 As cidades próximas refletem números semelhantes e podem gerar um falso total, uma vez que a busca no site considera professores próximos ao redor, sendo possível inferir que a região metropolitana concentra os mesmos perfis cadastrados. Para isso, sugerimos um segundo total, considerando somente a capital.

15 A dissertação de Santos (2019, p. 196) indica, em uma pesquisa realizada em meio a uma comunidade

Entrevistados – Na visão da associação, o que explica a atuação de profissionais autônomos na área de PLE é a expansão da área e o crescimento na formação de professores. Várias universidades têm oferecido disciplinas para formação de professores nos cursos de Letras e na pós-graduação.¹⁶ Isso tem despertado o interesse pela área de português como língua estrangeira e, esses (profissionais) que estão entrando aproveitam desse espaço para aulas. A associação não tem uma ação específica para esse público de profissionais, mas promovemos eventos, congressos e simpósios, e divulgamos bastante, possibilitando que esses profissionais tenham mais conhecimento na área e que possam atuar melhor no ensino de português como língua estrangeira. Vamos refletir sobre isso, esse dado que vocês trouxeram aqui para gente é muito interessante. Vamos discutir ações voltadas para esse público de docentes informais. Um dos objetivos é exatamente a promoção de cursos de Formação, então já começamos a fazer isso exatamente pensando nesses profissionais que não têm formação na área, mas que atuam nela.

Entrevistadores – De fato, há um grupo de professores que, advindos de variados percursos profissionais, passaram a atuar na área de PLE/PLA/PL2 de forma acidental (HERRMANN, 2012; SANTOS, 2019). E a oferta de cursos de formação complementares à formação em Letras é uma das vias de projetar-se em contextos de ensino da área. Por outro lado, mesmo nas universidades, onde o debate sobre formação é mais detidamente acompanhado pela reflexão/produção de práticas pedagógicas, há uma problemática vigente em institucionalizar ofertas de cursos de português que estejam na contramão da

online de professores de PLE, que 61% dos participantes são pós-graduados em áreas como Letras, Literatura, Linguística ou Educação, tal como 21,5% possuem pós-graduação na área de Português Língua Estrangeira. Estes dados podem sugerir que, na verdade, grande parte dos profissionais atuantes na área possuem formação para tal e que, um descompasso maior existe, na verdade, entre o espaço profissional institucionalizado e estes professores que, uma vez graduados ou concluintes de cursos na área se veem reféns de trabalhos precários e intermitentes.

Na Plataforma Superprof há 5091 professores de PLE cadastrados, enquanto a Plataforma Profes conta com 2172. Como muitos dos profissionais se dispõem a lecionar através de aulas remotas, esse número pode ser mais fluído do que a representação por estado/cidade da tabela anterior. No entanto, decidimos indicar cidades do Estado pensando na possibilidade destes associarem-se e, coletivamente, poderem sugerir ações voltadas para a institucionalização da área.

16 É uma característica da área de PLE estar presente em currículos de graduação, como disciplinas eletivas, também na pós, mesmo que, como habilitação, a área esteja presente em apenas quatro graduações. Para um panorama da presença da área em diferentes instituições brasileiras, cf. SCARAMUCCI; BIZON, 2020.

internacionalização e dos intercâmbios acadêmicos, como seria o caso dos cursos de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). Assim, “os cursos de PLAc geralmente são institucionalizados por programas de extensão e contam com um número considerável de voluntários tanto de professores quanto das equipes de apoio” (OLIVEIRA, 2019, p. 220); e, como política a ser abraçada institucionalmente, coloca-se como desafio “conseguir bolsas para os alunos (de graduação e de pós-graduação) que atuam como professores e monitores do curso”; da mesma forma, é desafiador garantir a presença do público alvo, de modo que “possam custear as despesas de transporte para irem até a escola” (OLIVEIRA, 2019, p. 220). Todos estes elementos compõem a forma geral na qual a atuação na área se manifesta, isto é, nos termos de Lopez (2020, p. 169), “entre o ativismo e a precarização”. Sendo assim, passemos a discutir um pouco mais desse exemplo a partir de uma das questões desta entrevista. Para adentrar a questão, tomamos a condição do Brasil, reconhecendo um país da rota migratória do Sul Global. Cientes disso, muitos estudos atuais têm apontado o trabalho realizado no Brasil em torno do PLAc (BIZON; CAMARGO, 2018; CAMARGO, 2019). Por outro lado, uma pesquisa promovida por Lopez (2020) indica que o profissional de PLAc é refém de uma precarização que diz respeito à materialização de um “lado ativista” que atua “na tentativa de cobrir as lacunas deixadas pela falta de institucionalização de políticas linguísticas para os migrantes” (p. 160), ao mesmo tempo em que “corroborar a significação desse campo de ensino como lugar de exercício da caridade e assistencialismo social – e não como algo que demanda políticas públicas amplas e mais adequadas” (p. 180). Como a associação pode pleitear melhores condições para esses profissionais no debate político de modo que possamos superar o caráter assistencialista da profissão?

Entrevistados – Essa questão relacionada às condições para os profissionais que trabalham com PLAc é uma discussão que tem aparecido nos eventos da associação.¹⁷ São discussões que estão na pauta e entendemos, realmente, que existe esse caráter assistencialista da profissão. Assim, é uma luta constante, pois é uma área nova; ainda temos muita luta pela frente e, por isso, a importância da associação. Quer dizer, por isso a importância da presença e da participação dos associados para que possamos fortalecer a área e lutar para ter mais espaços nas

17 Em 2019, por exemplo, foi realizada a I Jornada de Estudos da Associação Mineira de Professores de Português para Estrangeiros na Universidade Federal de Juiz de Fora. Uma das mesas-redondas teve o PLAc como tema. Programação disponível em: <https://janelasparaomundoujf.files.wordpress.com/2019/06/janelas-2019-programacao-.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.

instituições, mais concursos na área. A falta de espaço para atuação do professor de PLE se deve muito ao fato de ainda se ter uma ideia equivocada de que qualquer professor de qualquer idioma possa dar aula de PLE/PL2. A gente acaba não tendo esse espaço adequado com um profissional formado nas universidades, ainda tem muito isso e precisamos lutar muito para fortalecer essa área, para incentivar a formação profissional, o reconhecimento da atuação do docente de PLE/PLA.

Entrevistadores – O caso de PLAc é um exemplo de como o surgimento de novas demandas de ensino de PLE/PLA abrem possibilidade de fortalecimento de espaços de atuação para professores da área, uma vez que é “uma área de ensino/aprendizado iniciada nas/pelas horizontalidades que vem se verticalizando recentemente” (CAMARGO, 2019, p. 253), necessitando de inserção mais consolidada em currículos de licenciaturas em PLE/PLA/PL2, em cursos de extensão, em especializações, para que se concretize enquanto política pública. Nesse sentido, o papel das universidades públicas como formadoras e fomentadoras de ofertas de vagas de trabalho na área ainda é central. É válido destacar que, a exemplo da atuação na área de avaliação – na aplicação do exame Celpe-Bras –, as vagas na área de ensino, são em sua maioria, de natureza temporária. Alguns dos editais de seleção de professores de bolsistas para atuação em universidades mineiras publicados em 2021 são exemplos disso.¹⁸ Ademais, são editais voltados para alunos de graduação e pós-graduação vinculados a IES. Considerando esse cenário, como refletir criticamente sobre os descompassos frequentes entre formação na área e atuação profissional em espaços formais? Ou seja, de que há, atualmente, uma significativa quantidade de profissionais pelo Brasil com experiência(s) em PLE e não tão significativos postos de trabalho.

Entrevistados – A área de português para estrangeiros vem crescendo significa-

18 Edital da Pró-Reitoria de Extensão e a Assessoria de Intercâmbio e Cooperação Interinstitucional (AICI) da UEMG, para atuação no programa Apoio ao Ensino de Português para Estrangeiros; edital da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) e Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário (DEDC) do CEFET-MG, campus de Varginha, para atuação no programa de extensão PPLE; edital da Assessoria para Assuntos Internacionais (ASSIN) da UFSJ para atuação no PEC-G, disponíveis respectivamente nos links: <https://www.uemg.br/publicacoes/7128-edital-proex-aici-n-1-2021-apoio-ao-ensino-de-portugues-para-estrangeiros>; <https://www.varginha.cefetmg.br/2021/02/19/edital-seleciona-bolsistas-para-programa-de-portugues-como-lingua-estrangeira/>; <https://ufs.edu.br/portal2-repositorio/File/assin/Editais%20IsF/Edital%2002-2021%20-%20Professores%20Bolsistas%20Pre%20PEC-G.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2022.

tivamente e isso sinaliza uma possibilidade de expansão de espaços para atuação profissional. Temos percebido que professores experientes, professores com formação, vem pleiteando mais espaços formais para profissão: esta é uma reflexão urgente, que consideramos necessária discutir nos próximos eventos. Podemos trazer isso para uma mesa de discussão.

Entrevistadores – A área de ensino de português PLE/PLA/PL2 esteve no seu início compromissada com o ensino para estrangeiros. É em razão desse vínculo inicial, na década de 1960, que o termo Português como Língua Estrangeira (PLE) se consolidou. Desde a constituição do campo, outros termos passaram a circular para referenciar o movimento em torno do ensino de português, dentre eles Português como Segunda Língua (PL2), Português para falantes de outras línguas (PFOL) e Português como Língua Adicional (PLA). Como discute Jordão (2014), o uso de termos no campo de ensino-aprendizagem de línguas não está vazio de pressupostos e implicações justamente porque a adoção de uma terminologia aponta para como a língua é compreendida pela comunidade científica e a quais perspectivas epistemológicas se vincula. Ademais, os termos evidenciam o papel da língua e de seu respectivo ensino na sociedade. Embora nos últimos anos publicações expressivas e grupos de pesquisa tenham fortalecido o uso e a discussão de PLA¹⁹, o termo PLE ainda é amplamente utilizado, como no caso da AMPPLIE. O fato de a associação citar *Português Língua Estrangeira / Português para Estrangeiros* no título carrega alguma intencionalidade? Que lugar, no debate da associação, ocupam outras frentes de atuação no ensino de PLE/PLA/PL2 para outros públicos além do estrangeiro?

Entrevistados – A Associação foi criada por um grupo de professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), UFMG e do CEFET-MG²⁰ sendo essa a forma tradicionalmente utilizada no estado de Minas, enquanto o termo *Português como Língua Adicional* (PLA) é mais utilizado pelos professores do Sul, a partir de Schlatter e Garcez (2009). É uma questão de opção pela nomenclatura que em

19 Para uma discussão abrangente sobre Português como Língua Adicional, ver Schoffen *et al.* (2012), Schlatter e Garcez (2018), Bizon e Diniz (2019).

20 Dentre os professores, cabe citar a Profa. Dra. Regina Dell'Isola (UFMG) e o Prof. Dr. Jeronimo Sobrinho (CEFET-MG), que ocuparam os respectivos cargos de presidente e vice-presidente no primeiro mandato da associação, entre 2014 e 2017. Disponível em: <http://ampplie.com.br/mandatos-anteriores>. Acesso em: 01 ago. 2022.

nada interfere nas ações da AMPPLIE relacionada ao ensino de português para vários públicos cuja língua materna não seja português, contemplando o português como língua de acolhimento, português como língua adicional, português como língua de herança, no caso dos professores que acabam indo atuar fora do Brasil e ensinam português para os filhos dos brasileiros que residem no exterior. Em relação ao termo *português língua estrangeira* (PLE), nós nos alhamos ao que dizem Almeida e Júdice (2016) no capítulo “Do novo mundo ao mundo novo: o ensino de português a estrangeiros no Brasil”, publicado no livro *O Mundo do Português e o Português no Mundo afora: especificidades, implicações e ações*.

Entrevistadores – Para terminar nossa conversa, falemos sobre perspectivas de futuro. Onde a associação, segundo seus próprios objetivos, conseguiu chegar? E, claro, como associações de professores podem constituir-se como alternativas viáveis para pleitear garantias de trabalho e profissionalização da área de PLE?

Entrevistados – A Associação Mineira de Professores de Português como Língua Estrangeira (PLE) está completando 7 anos agora em 2021, exatamente agora neste mês de outubro. Durante a gestão da Profa. Idalena Chaves, de 2017 até 2021, atingimos alguns objetivos que constam no estatuto,²¹ como a promoção de eventos e cursos de capacitação.²² Nesse período tentamos trazer mais professores e estudantes para a Associação e aproveitamos o período crítico da pandemia de 2020 para divulgar o trabalho da associação através de um evento virtual (I Jornada Virtual da AMPPLIE). Neste evento, além da apresentação de pesquisas da área, propomos alguns cursos de formação. A ideia é continuar oferecendo esses cursos, numa perspectiva mais prática, procurando atender a demanda dos professores, principalmente, para aqueles profissionais que estão atuando nos lugares em que não há uma licenciatura em português. Como já foi dito, ainda são poucas as universidades brasileiras com licenciatura na área. Futuramente, a Associação planeja aumentar a oferta de cursos de capacitação e criar uma

21 Dentre os objetivos centrais presentes no estatuto da associação, estão a congregação e a capacitação de professores voltadas para a pesquisa e a produção científica, conforme descrito em sua página <http://ampplie.com.br/quem-somos>. Acesso em: 18 ago. 2022.

22 No ano de 2021, os eventos ofertados pela associação focaram a formação complementar, com os cursos *Ensinando e aprendendo Português Língua Estrangeira com recursos digitais*, ministrado pela Profa. Dra. Débora Racy Soares, e *Planejamento de Preparatórios para o exame Celpe-Bras*, ministrado pelas Profas. Dras. Mônica Baêta Diniz e Rafaela Pascoal Coelho. Disponível em: <http://ampplie.com.br/eventos>. Acesso em: 23 jul. 2022.

rede de professores atuantes na área de português. Que juntos possamos criar espaços de formação para ampliar as oportunidades de trabalho para os futuros professores.

Referências

ABREU-E-LIMA, D.; FINARDI, K. R. Políticas linguísticas para internacionalização e o papel do programa Idiomas sem Fronteiras. *In*: FINARDI, K.; SCHERRE, M.; VIDON, L. (org.). **Língua, discurso e política: desafios contemporâneos**. Campinas: Pontes, 2019. p. 13–27.

ALMEIDA, P.; JÚDICE, N. Do novo mundo ao mundo novo: o ensino de português a estrangeiros no Brasil. *In*: ALVAREZ, M. L. O.; GONÇALVES, L. (Org.). **O mundo do português e o português no mundo afora: especificidades, implicações e ações**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 265–291.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. O ensino de português como língua não materna: concepções e contextos de ensino. *In*: **Biblioteca Virtual do Museu da Língua Portuguesa**. São Paulo, 2009. Disponível em: www.estacaodaluz.org.br. Acesso em: 6 dez. 2018.

BIZON, A. C. C.; CAMARGO, H. R. E. C. Acolhimento e ensino da língua portuguesa à população oriunda de migração de crise no município de São Paulo: por uma política do atravessamento entre verticalidades e horizontalidades. *In*: BAENINGER, R. *et al.* (org.) **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó –Nepo/Unicamp, 2018. p. 712–726.

BIZON, A. C. C.; DINIZ, L. R. A. Uma proposta poscolonial para a produção de materiais didáticos de português como língua adicional. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 43, p. 155–91, 2019.

BIZON, A. C. C.; ROCHA, C. H. (Org.). **Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua: diálogos com pesquisadoras**. 1. ed. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2022.

CAMARGO, H. R. E. **Diálogos transversais: narrativas para um protocolo de encaminhamentos às políticas de acolhimento a migrantes de crise**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

CHAVES, I. O.; HEITOR-SAMPAIO, G. Percursos e desafios ao longo do processo de consolidação do português para estrangeiros na UFV. **Revista EntreLinguas**, Araraquara, v. 7, n. esp. 6, p. 1–22, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/15444>. Acesso em: 22 ago. 2022.

DINIZ, L. R. A. **Para além das fronteiras: a política linguística brasileira de promoção internacional do português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

FURTOSO, V. B. (Org.) **Formação de professores de português para falantes de outras línguas: reflexões e contribuições**. Londrina: EDUEL, 2009.

FURTOSO, V. B. Onde estamos? Para onde vamos?: a pesquisa em Português para Falantes de Outras Línguas nas universidades brasileiras. *In*: LUCAS, P. O.; RODRIGUES, R. F. L. (Org.). **Temas e rumos nas pesquisas em Linguística (Aplicada): questões empíricas, éticas e práticas**. Campinas: Pontes, 2015. p. 153–195.

HERRMANN, I. I. D. G. **A fluidez do lugar do professor de Português Língua Estrangeira: uma análise discursiva de dizeres de professores brasileiros em sua relação com o ensino de PLE**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

JORDÃO, C. M. ILA-ILF-ILE-ILG: quem dá conta?. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, p. 13-40, 2014.

LOPEZ, A. P. de A. O professor de Português como Língua de Acolhimento: entre o ativismo e a precarização. **fólio - Revista de Letras**, v. 12, n. 1, p. 169-190, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/6680>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MARQUES, A. A. M.; SCHOFFEN, J. R. Português como Língua Adicional nas universidades federais brasileiras: um perfil da área. **Letras de Hoje**, v. 55, n. 4, p. 394-411, 2020.

OLIVEIRA, L. Entrevista à professora Liliane Oliveira - Ensino de Português a falantes não nativos. [Entrevista concedida a] EvÂngela B. R. de Barros. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v. 15, n. 23, 2019, p. 218-221. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/21967>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, D. **Formação docente em um site de rede social para professores de PLE**: da organização e dos indícios de identidades. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SCARAMUCCI, M. V. R.; BIZON, A. C. C. (Orgs.). **Formação inicial e continuada de professores de Português Língua Estrangeira/Segunda Língua no Brasil**. Araraquara: Letraria, 2020.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Línguas Adicionais (Espanhol e Inglês). In: RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. (Org.). **Referências curriculares do Estado do Rio Grande do Sul**: linguagem, códigos e suas tecnologias. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2009. v. 1, p. 127-172.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Portuguese as an Additional Language: global trends in local actions. In: CAVALCANTI, M. C.; MAHER, T. M. (Ed.). **Multilingual Brazil**: language resources, identities and ideologies in a globalized world. New York: Routledge, 2018. p. 211-224.

SCHOFFEN, J. R.; KUNRATH, S. P.; ANDRIGUETTI, G. H.; SANTOS, L. G. (Org.). **Português como língua adicional**: reflexões para a prática docente. Porto Alegre: Bem Brasil, 2012.

Sobre os entrevistadores

Daniel dos Santos - Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); E-mail: arquifone-ma@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9344434926248835>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-3294-106X>.

Bruna Frazatto - Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); E-mail: brunafrazatto@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1093892201542369>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-6649-4718>.

Tatiana Gabas - Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); E-mail: tatigabas@yahoo.com.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7972592653939068>; OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-7464-021X>